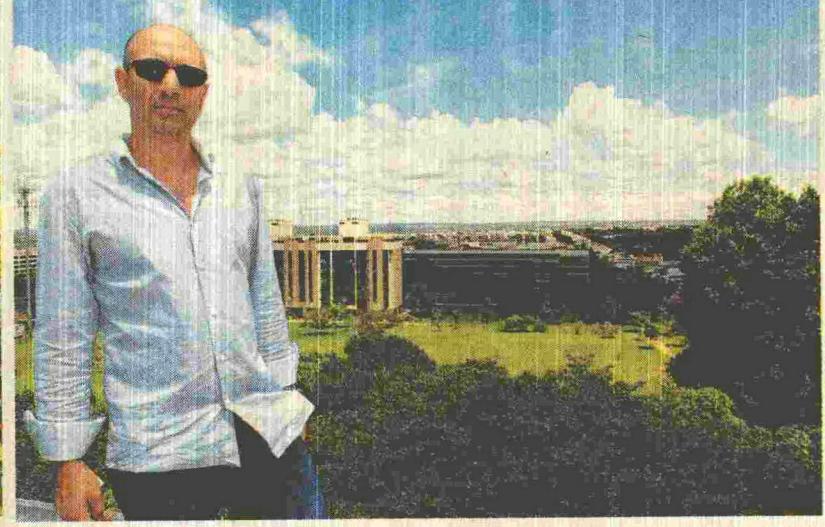
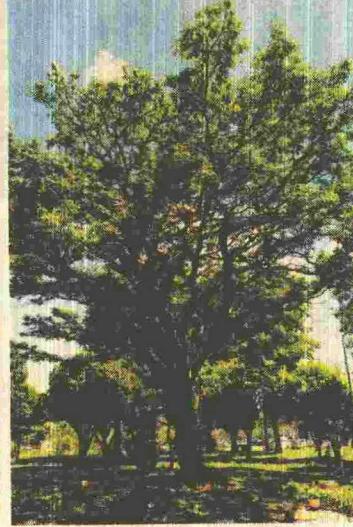
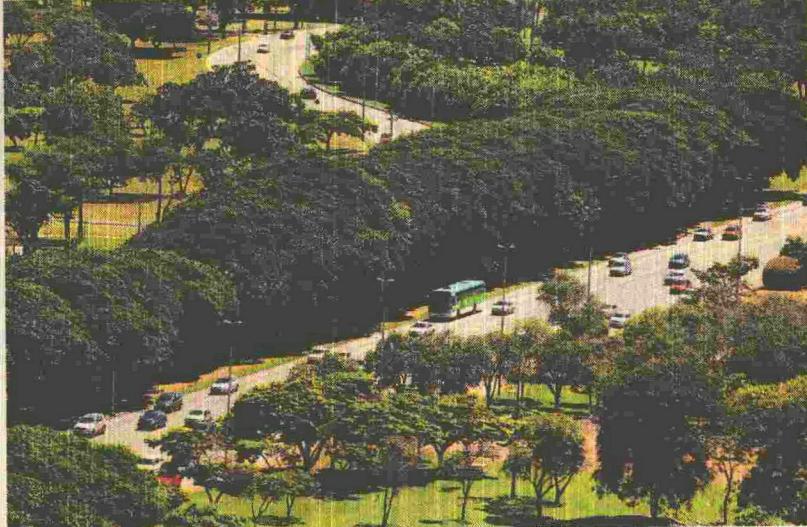


Fotos: Cadu Gomes/CB/D.A Press

São 100m² de área verde por habitante, formando um verdadeiro tapete; a copaíba da 309 Sul, tombada em 1993, a paixão de Izanor, zelador do bloco H da 309 Sul, que gosta de vê-la do alto do prédioCAROLINA SAMORANO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Izanor Barros, 45 anos, vive às paqueras com uma copaíba desde que começou a trabalhar como zelador no bloco H da 309 Sul, há 19 anos. Também conhecida como pau d'óleo por causa do óleo que tem propriedades medicinais, a árvore dos encantos de Izanor foi tombada em 1993 pelo governo local, numa cerimônia que reuniu um punhado de gente importante na frente da casa do porteiro nascido em Formosa (GO). "É uma coisa linda essa daí", encanta-se, ao ver de perto a formosura de 300 anos de existência, trazida para embelezar a capital. Vista de cima do bloco H, a copaíba parece ainda maior. Crescem os galhos até onde os olhos quase não alcançam, tornando as outras árvores miúdas. "Quando cheguei aqui essas outras árvores eram bem pequenas", recorda-se Izanor.

Pois esse manto verde, já idealizado no projeto de Lucio Costa, encobre boa parte da capital. Brasília é farta de grama, de mato, de flor, de folha, de tudo quanto é verde. Não são muitas as cidades que podem se gabar de ter 100 metros quadrados de área verde por morador, segundo a Novacap. De acordo com Rômulo Ervilha, chefe do Departamento de Parques e Jardins (DP), a capital já contabiliza quase 5 milhões de árvores, quase duas para cada um dos 2,6 milhões de moradores, uma das maiores proporções de verde por habitante do mundo. E não para de crescer: neste ano, foram plantadas mais 150 mil árvores.

Além da copaíba, pelo menos outras 11 espécies de árvores estão protegidas sob o título de patrimônio ecológico do DF e, portanto, são imunes ao corte. Assim, copaíbas, ipês, sucupiras-brancas, pequis, cagaitas, gomeiras, paus-doces, aroeiras, buritis, embiruços, perobas e jacarandás só podem ser retirados em casos extremos, como risco de queda ou praga. Os moradores da capital são tão apegados a elas que, não raro, agarram-se aos seus galhos tão logo os funcionários da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) chegam para retirar uma árvore condenada.

O engenheiro Rômulo Ervilha já nem sabe mais quantas vezes presenciou alguma cena parecida. "As vezes, a gente precisa ser até psicólogo. Tem gente que coloca o carro embaixo da árvore, chama a polícia, fica revoltado e, às vezes, acaba conseguindo evitar o corte", conta Rômulo. Recentemente, um grupo de índios acampou no canteiro central em frente ao Ministério da Justiça para evitar o corte de uma monguba, infestada pelo be-

ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA

O VERDE

SÃO QUASE 5 MILHÕES DE ÁRVORES. VOCÊ SABE O QUE É ISSO? SE É BRASILIENSE, CERTAMENTE SABE E SENTE UM ORGULHO DANADO DE VIVER NUMA CIDADE QUE É UM GRANDE JARDIM

souro *Euchroma gigantea*, que se alimenta do miolo do tronco, tornando-o oco, com risco de queda. O ato foi em vão.

Solange Madeira nunca brigou por causa das árvores, mas desde que a paulista mudou-se para a capital, em 1975, encanta-se todos os dias um pouco mais com o verde que tem ao redor do bloco G da 308 Sul. "Meu filho nasceu e cresceu aqui, embaixo da sombra dessas árvores", orgulha-se Solange, agora prefeita da quadra com alguns dos jardins mais famosos da capital. Três jardinistas ajudam a prefeita a manter viva a obra de Roberto Burle Marx. "Já viajei muito pelo Brasil e para fora, mas nunca vi nada parecido com essa arborização que nós temos aqui", garante Solange. "Nós vivemos em um enorme jardim, isso sim", suspira.

Ela tem razão. E não se pode tirar o crédito dos cerca de 1,5 mil funcionários que trabalham diariamente na conservação dessa cidade-parque. Mas também é certo que o verde da capital é obra-prima da escala bucólica do projeto do urbanista Lucio Costa. As molduras de colunas verdes que cercam as quadras residenciais foram pensadas para amenizar o clima seco do planalto, abafar o barulho das avenidas e tornar o ambiente mais agradável nas áreas residenciais. "Desde que foi feito o projeto, Lucio Costa via Brasília como uma cidade-parque. Cabe a nós preservar", ressalta Ervilha.

Além das quadras arborizadas, a capital tem 730 canteiros enfeitados por mais de 250 espécies de árvores plantadas. As mais comuns são os ipês que colorem o céu da capital mesmo na seca mais cruel; os pombeiros; os jacarandás e as frutíferas, como as mangueiras e as goiabeiras, alguns dos xodó dos moradores.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Não foi fácil transformar Brasília numa cidade-parque. No início, foram transplantadas árvores nativas da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica. A maioria desses exemplares, no entanto, não resistiu ao clima hostil do cerrado. Entre 1975 e 1976, morreram cerca de 50 mil árvores adultas. "Foi uma coisa muito negativa para Brasília, as pessoas ainda estavam se acostumando com a nova capital. Ouvi gente questionar 'como uma cidade em que nem árvore vai para a frente pode ser capital do Brasil?", lembra o engenheiro agrônomo Ozanan Coelho, que ficou à frente do Departamento de Parques e Jardins da Novacap por 30 anos, até se aposentar, no ano passado.

Ozanan decidiu, na época, plantar 75 espécies de cerrado em larga escala. "Deu certo", orgulha-se

BRASÍLIA É BOA PARA OS OLHOS. DESCANSA"

PAULO MENDES CAMPOS, ESCRITOR

www.correiobraziliense.com.br

Assista à videorreportagem

o homem que cultivou mais de 4 milhões de árvores e floriu os mais de 700 canteiros da capital. "Brasília é a flor do meu coração", confessa, apaixonado, Ozanan. "Quando eu morrer quero minhas cinzas espalhadas no Buriti, na paineira em frente ao Palácio da Justiça, na copaíba da 309 Sul e nos jardins da 201/202 Norte", diz, lembrando as histórias desses lugares, como a vez em que salvou o buriti de ser arrancado a machadadas. "Foi o maior susto. Colocamos estacas para ele não cair e subi na copa para adubar. Ele está lá, firme e forte."

NEM TUDO SÃO FLORES

Se o Plano Piloto é um descanso para a vista, basta caminhar um pouco para ver o que o crescimento desordenado é capaz de fazer. "Vicente Pires é uma tragédia, um exemplo clássico do que acontece quando áreas criadas para um determinado fim sofrem com a falta de planejamento", lamenta o professor de engenharia florestal da Universidade de Brasília Eleazar Volpatto. "Há ferramentas de regulação que não são observadas. É uma questão de prioridade para o homem e para o governo", alerta o especialista, referindo-se à Lei Distrital nº 3.031. No entanto, ele pondera: "Mesmo com todos os problemas, é elogiável a preservação das áreas verdes, a conservação dos parques e o trabalho de arborização. Deveria ser intensificado, sempre é preciso melhorar, porém é um privilégio."